

CHAI: O MASSACRE QUE OS COLONIALISTAS ESCONDAM



A mãe Buana Saúre e sua filha Cristina Kuemba sobreviventes do massacre da Aldeia de Napandika. Cristina Kuemba tinha 11 anos na altura e juntamente com sua mãe foram as únicas entre 120 pessoas que escaparam com vida em Napandika.

Quando falamos de massacres vem-nos imediatamente à memória o de Mueda, Mucumbura, Inhamitanga. Todavia são poucos os que ouviram falar do massacre de Chai. A censura colonial-

-fascista conseguiu esconder durante muitos anos este crime hediondo praticado contra o povo moçambicano.

O massacre do Chai, embora assim classificado, trata-se na verdade de vá-

rios massacres em diversas aldeias situadas num perímetro de 10 a 20 quilómetros em redor daquela vila, e foi levado a cabo pelas tropas coloniais portuguesas em retaliação aos primeiros tiros disparados contra os opressores na noite de 25 de Setembro.

Na semana que se seguiu ao ataque do Chai pelos combatentes da FRELIMO as tropas coloniais arrasaram durante cerca de 4 dias as Aldeias de Namulhá-

lhia também conhecida por Biamualo, Limba também conhecida por Erimba e Napandika. Por outro lado a população da Aldeia de Malani foi levada na altura para Biamualo e ali concentrada e massacrada. Ao todo foram assassinadas cerca de 700 pessoas entre velhos, mulheres e crianças tendo apenas havido três sobreviventes deste crime horroroso.

Logo no dia seguinte ao desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional o administrador de Macomia que veio ao Chai para se inteirar da situação e também porque o próprio administrador de Chai tinha morrido durante o ataque, convocou todos os régulos da região.

O administrador e as autoridades policiais disseram aos régulos para mobilizar as populações das Aldeias para que não saíssem das respectivas povoações, que não fossem para o mato, pois as tropas andariam a patrulhar o mato e prenderiam ou matariam quem encontrassem.

Quem nos narra esta situação é um velho, antigo régulo, Kudeba Muchamadi N'Tinga.

— Nós fomos avisar as populações para não saírem das aldeias pois podiam ser mortos no mato como os administradores nos disseram — afirmou aquele antigo régulo.

Mas a intenção era bem diferente. As autoridades administrativas e policiais apenas estavam a «ganhar tempo» para que as tropas chegassem de modo a poderem vingar-se dos reveses que sofreram no dia 25 de Setembro e que estavam agora constantemente a sofrer quer em emboscadas quer na destruição de pontes e colocação de minas anti-carro que desorientavam completamente as tropas coloniais e as tornavam inoperantes.

Deste modo quando a tropa chegou ao Chai não «teve problemas» em fazer aquilo que eles designavam de «limpeza», uma vez que as populações ludibriadas encontravam-se efectivamente nas povoações e não tinham fugido para o mato como era sua intenção.

Começando precisamente por Biamualo, onde juntaram tam-



Buana Saure mostra o local onde se localizavam as casas maticadas e onde foram encurraladas as pessoas antes de serem metralhadas e queimadas.

bém a população de Malani, os militares massacraram ali cerca de 350 pessoas como confirma um sobrevivente de nome Simão Kabicha, presentemente a viver na aldeia de Litandakua, a poucos quilómetros de Chai.

Depois de Biamualo as tropas dirigiram-se no dia seguinte de manhã para Limba ou Erimba onde juntaram mais pessoas de povoações vizinhas massacrando cerca de 200 pessoas.

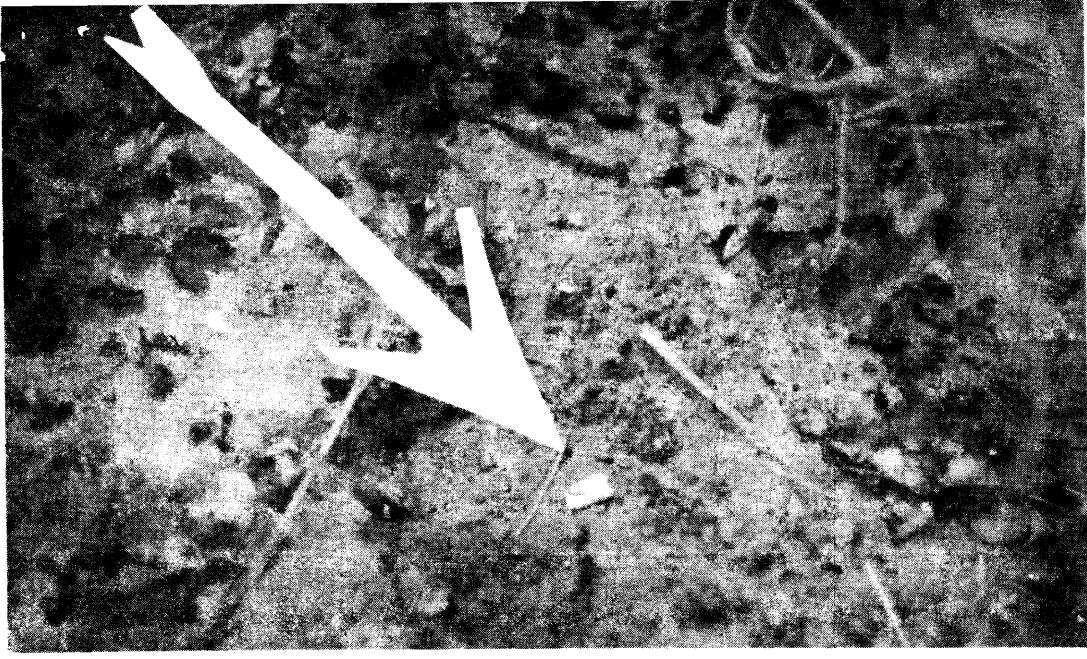
Completando este círculo de crimes contra a humanidade à volta de Chai os militares colonialistas, desta vez dirigidos por um cipaio chamado Victor, dirigiram-se à Aldeia de Napandika onde assassinaram 120 pessoas. O relato circunstanciado e as nossas próprias observações no local do

crime estão contidas no texto da caixa que se segue.

Os militares tentavam com estes crimes atemorizar o povo, obrigá-lo a submeter-se à opressão sem revolta. Mas o resultado foi precisamente ao contrário.

Cresceu o ódio das populações contra os colonialistas e as populações de aldeias que não foram atingidas pela raiva assassina da tropa colonial refugiaram-se no mato e nas bases dos guerrilheiros da FRELIMO, que na altura eram apenas 250 combatentes. Todavia em poucos meses tinham já milhares de braços para armar, produzir e combater.

Os portugueses vendo frustrados os seus esforços de esmagar a revolta popular, começaram a tentar fazer aquilo que eles chama-



Pedaços de ossos humanos estilhaçados pelas granadas e vários dentes (a imagem indica um dente humano) foram encontrados pela nossa equipa de reportagem juntamente com as sobreviventes. As ossadas dos corpos estão numa vala comum perto da aldeia de Makilo.

vam «psico-social», fazer crer que os militares portugueses eram boas pessoas. Deste modo fizemos tudo para esconder do resto da população a verdade sobre es-

te primeiro grande massacre após o desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional.

Mas a verdade dos factos acaba sempre por ser conhecida co-

mo agora o provam e confirmam estes sobreviventes com quem contactámos recentemente em Chai.

"ATIRÁVAM-NOS PARA DENTRO DAS CASAS COMO SE FÓSSEMOS MAÇAROCAS, MATAVAM-NOS COMO SE NÓS FÓSSEMOS GALINHAS"

— Sobrevivente do massacre de Napandika

— Os soldados portugueses começaram a chegar era um pouco depois de meio-dia na nossa aldeia de Napandika e vinham com um cipaio chamado Victor. Traziam com eles mais pessoas de outras pequenas aldeias que existiam aqui nesta picada que vem desde a estrada principal de Chai até esta serração mecânica que estava aqui. Éramos muitas pessoas 100 ou 120 pessoas. A nossa Aldeia aqui tinha 9 casas com duas divisões e varandas, maticadas. Os soldados começaram a empurrar todas as pessoas para dentro de três casas que ficavam à frente. Encheram, encheram atiravam com a gente como se fôssemos maçarocas. Os que não couberam mais ficaram na varanda. Depois os soldados começaram a disparar as metralhadoras, a deitar granadas e queimar as casas —

Estas são palavras da mamã Buana Saüre sobrevivente, juntamente com a sua filha Cristina Kuemba, do massacre da aldeia de Napandika e que nos acompanhou precisamente ao local de mais este crime colonial.

Cristina Kuemba que é hoje uma jovem de 23 a 24 anos tinha pouco mais de 10 anos quando se abateu a tragédia contra a sua família e vizinhos. Mas é a mãe Buana Saüre que nos reconstitui o trágico dia.

— A minha filha tinha sido arrastada para outra casa. Eu estava com o meu bebé no colo que morreu nas minhas mãos com uma bala. Estava encostada à parede maticada. As pessoas gritavam e faziam força para poderem fugir mas as balas matavam. Eu comecei a ver se conseguia furar com o cotovelo a parede maticada. Com a minha força e a força de outras consegui abrir um buraco e consegui fugir».

A filha de Buana a pequena Cristina Kuemba conseguiu também — ela não sabe bem como — libertar-se dentro da palhota e fugir. Só no dia seguinte ela veio ali espreitar e viu ainda ali tropas portuguesas que disparam para o lugar onde ela estava

quando ouviram um pouco de barulho. Cristina fugiu novamente para o mato e foi ter a uma casa distante onde viviam pessoas de família. Para sua surpresa encontrou lá também a sua mãe, viva, só o seu irmãozinho é que tinha sido morto. O pai e todas as outras pessoas que estavam dentro da casa morreram.

— Eu também voltei para espreitar no fim da tarde — recorda a mamã Buana Saüre — os soldados estavam a tirar os corpos para um camião e depois soube que foram enterrar os corpos não muito longe da serração mecânica perto de uma povoação chamada Makilo».

Segundo nos informaram é possível descobrir se o verdadeiro local da vala onde as pessoas foram enterradas, se se fizer uma investigação naquele lugar.

A ex-aldeia de Napandika era habitada ela só por nove famílias. Quando fomos conduzidos ao local apenas uma estaca velha e chamuscada indicava que ali tinha existido uma casa, pelo menos. Rodeada por cajueiros e localizada do lado direito para quem vai da picada da estrada de Chai à Serração Mecânica as populações cultivam agora ali amendoim e mandioca.

Percorremos atentamente o local juntamente com as duas sobreviventes, e elementos das Forças Populares de Libertação. Aqui e ali pequenos pedaços de ossos humanos, certamente estilhaçados pelas granadas apareciam aos nossos olhos. Juntamente com esses pedaços de ossos encontramos vários dentes humanos.

Napandika foi o último dos massacres daquela semana sangrenta que as tropas coloniais desencadearam contra as populações de Chai a fim de atemorizá-las.

Todavia a manobra não surgiu efeito. As populações sobreviventes refugiaram-se no mato a foram de encontro aos guerrilheiros da FRELIMO a fim de se organizarem a resistência e a luta.